

Guerra com o corpo

Homenagem ao invisível: O romance de Isabela Figueiredo "A Gordá".

A mãã morreu em 2013. Nessa altura, Luísa já se debatia com problemas financeiros; o seu salário de professora e a pensão da sua mãã mal eram suficientes. Assim, ela viu-se obrigada a continuar a comer exorbitantemente porque o seu corpo o exigia - ou a sofrer uma dispendiosa redução do estômago que derreteu 40 kg do seu peso corporal e poupou o seu dinheiro em comida. Agora Luísa está sentada no apartamento dos seus pais na periferia de Lisboa, na margem sul do rio Tejo, a pensar em deitar fora as suas antigas roupas. A roupa da "gorda", que ela sabe que permanecerá para sempre. Porque é a sua própria história, neste apartamento que os seus pais compraram quando regressaram de Moçambique.

O apartamento desempenha um papel de destaque no romance autobiográfico de Isabela Figueiredo "A Gordá". A narrativa da professora de filosofia conduz da porta de casa através do quarto da menina, da sala de estar e do quarto dos pais, parando nas histórias da cozinha e acabando depois na sala de jantar santificada e pouco utilizada. A casa de banho e o hall de entrada fecham o passeio da "gorda", autora nascida em 1963 em Lourenço Marques, agora Maputo, e a sua aclamada estreia "Caderno de Memórias Coloniais" em 2009. Neste romance, Isabela Figueiredo captou a sua infância em Moçambique, mas sobretudo o seu pai, que foi engenheiro envolvido na construção da famosa barragem de Cabora Bassa durante a era colonial portuguesa. Após a libertação, ele e muitos outros deixaram o país sem nunca mais chegar realmente à sua antiga terra natal.

Enviou a sua filha de volta a Portugal mais cedo para lhe dar uma educação adequada. A odisseia de Luísa começa no colégio interno. Durante dez anos vive sozinha, sem os pais, dez anos que nunca mais poderão ser recuperados, embora vivam neste apartamento durante muitos anos, onde primeiro o pai necessita de cuidados e depois a mãã. Ainda em adulta, ela continua numa guerra constante com a mãã.

Ainda em adulta, ela continua numa guerra constante com a mãã. Ao contrário do pai e de Luísa, a mãã é uma pessoa controlada e também controla a vida da filha. Acontece finalmente um dramático e triste amour fou com David, um estudante de filosofia mais jovem. Ele deseja-a, tem uma loucura pelo seu corpo sensual e ainda assim acabará por a desdenhar.

Como no "Caderno de memórias coloniais", as passagens narrativas alternam com reflexões neste romance, sempre com um pano de fundo de um país outrora poderoso, agora humilhado. Durante 25 anos e para além da morte de sua mãã, Luísa espera por David, e tem que inventar o que não é nem pode ser, escrevendo, para poder suportar a vida no corpo da mulher gorda. "Não temos corpos desejáveis, por isso é como se não existíssemos", diz ela sobre o seu estúpido namorado Lunaticó, que também só tem a segunda, terceira escolha. O romance de Figueiredo é uma homenagem a estes "deslocados" e "invisíveis", os "pesos pesados" ignorados, aqueles que, como Luísa, podem deitar fora as suas roupas antigas, mas não a sensação de que "o mundo das pessoas normais não é para eles".

Berliner Tagesspiegel, 26 de setembro 2021

Ulrike Baureithel